



CÂMARA MUNICIPAL DE POMPEÚ

www.cmpompéu.mg.gov.br

CNPJ 01.652.208/0001-58

PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO Nº 002/2023

- PROTOCOLO -

Data: 07/06/2023

Ass.: Lu.: 16h45min
CÂMARA MUNICIPAL DE POMPEÚ

*Concede Título de Cidadã Honorária a
Ângela Aparecida Silva Cassemiro.*

A Câmara Municipal de Pompéu, usando de suas atribuições legais, aprova e promulga o seguinte:

DECRETO LEGISLATIVO

Art. 1º Fica concedido o Título de Cidadã Honorária a **Ângela Aparecida Silva Cassemiro.**

Art. 2º Este Título será entregue em Reunião Especial da Câmara Municipal de Pompéu, que será marcada, oportunamente, pelo Presidente.

Art. 3º Este Decreto entra em vigor na data de sua promulgação.

Sala das Sessões José Porto, 07 de junho de 2023.


SEBASTIÃO GERALDO DA SILVA
VEREADOR

Autobiografia – Ângela Aparecida Silva Cassemiro

O meu nome é Ângela Aparecida Silva Cassemiro. Nasci em 03 de fevereiro de 1983, o que significa que tenho 40 anos atualmente. Atualmente moro em Pompéu. Sou filha de José David da Silva Filho e Lazara Silva de Jesus. Sou casada com Leandro Cassemiro Alves, e temos duas filhas: Antonella Silva Cassemiro e Lavinia Silva Cassemiro.

Meu pai tem 61 anos e mora em Dolores do Indaiá, a cidade onde nasci e cresci. Atualmente, ele é taxista e mora com minha mãe, que tem 63 anos. Minha mãe é dona de casa e manicure. Eles estão casados há 43 anos.

Sou a segunda filha de 4 irmãos. Nossos pais moravam em carvoeiras, e uma parte de nossa infância foi vivida nesses locais. No entanto, mudamos para a cidade quando eu estava na idade escolar. Nós seis moramos em um barracão de 2 cômodos, que pertencia à minha avó paterna e ficava ao lado da casa dela. Não havia banheiro; tínhamos uma privada seca, e os banhos eram de bacia, muitas vezes aproveitando a água de um banho para outro.

Lembro-me do meu primeiro banho de chuveiro, quando eu tinha entre 6 e 7 anos. Foi na segunda casa em que moramos na cidade, uma casa com mais cômodos que meus pais alugaram. Na época, nem tínhamos móveis para colocar na casa. Tive uma infância carente de muitas coisas; meus pais ganhavam o suficiente apenas para as despesas básicas da casa e o aluguel.

Os poucos brinquedos que tínhamos eram divididos entre minha irmã mais velha e eu. Só ganhávamos brinquedos uma vez por ano, no Natal, enquanto os demais eram doações. Com meus irmãos mais novos, não era diferente.

Minha primeira escola foi a Escola Estadual Dr. Zacarias, onde estudei por dois anos (pré-escolar e primeiro ano). Depois de um tempo na cidade, meus pais decidiram mudar de casa para um bairro com aluguel mais barato e mais próximo da casa da minha avó. Com isso, passávamos parte do dia com minha avó, e minha mãe conseguiu arrumar um emprego em uma confecção de roupas para ajudar meu pai nas despesas.

Mudamos também de escola, fui para a escola no bairro onde morávamos, chamado São José, também conhecido como Vila Nova. Estudei na Escola Irmã Luiza de Marillac até o oitavo ano, concluindo o primeiro grau. Foram muitas experiências vividas nesse período.

Meu pai não trabalhava mais na roça, ele já estava na cidade, trabalhando como motorista. Ganhamos um lote em um loteamento popular no bairro, muito próximo de onde morávamos, e logo começamos a construir nossa própria casa.

Pela Honra e Glória de Deus, nos mudamos. Lembro-me do dia da mudança e de todos os detalhes, do cheiro do cimento fresco, das janelas sem vidros, apenas com papelão e plástico para bloquear o vento. Os vidros foram colocados depois e foram doados pelo ex-patrão do meu pai. Nesse mesmo período, minha mãe ficou doente com hepatite D e não pôde mais trabalhar fora.



Pouco tempo depois, comecei a trabalhar. Com apenas 10 anos de idade, eu era babá da Rafaela, filha do Sosthene Moraes e Fernanda Queiroz, famílias tradicionais dorenses. Junto a eles, tive acesso a um mundo diferente do que estava habituada. Aprendi muito, mesmo sendo uma criança cuidando de outra. Brinquei com brinquedos que nem sabia que existiam e experimentei comidas diferentes e roupas de qualidade que eu não conhecia.

Foi ali, naquela casa, apesar da pouca idade, que decidi ter uma vida diferente, ser e ter mais do que meus pais poderiam me proporcionar. Com 12 anos de idade, graças ao bom comportamento, disciplina e boas notas, fui convidada a participar do grêmio estudantil. Durante esses dois anos tive muitas experiências interessantes. Cuidei da biblioteca e do caixa escolar, tive contato direto com a diretoria, o secretariado e todos os professores. Apesar da simplicidade de todos, eles me ensinaram que eu poderia ir além, o que despertou ainda mais minha vontade de crescer e mudar a história da minha vida.

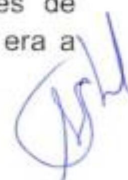
Trabalhei como babá por 6 anos, atendendo apenas duas famílias. Quando eu tinha 16 anos e estava iniciando o segundo grau, mudei novamente de escola. Fui cursar Técnico em Contabilidade no Colégio São Luiz, no período noturno. No primeiro ano, devido às minhas referências, disciplina e notas, fui convidada a integrar um grupo de trabalho na Prefeitura Municipal, no setor de cadastramento predial. Era um trabalho remunerado, mas com um contrato de 6 meses. Tive que arriscar e abrir mão do meu emprego como babá, e valeu a pena. Além das experiências vividas e do conhecimento adquirido, ao final dos 6 meses, graças ao meu empenho, o contrato foi renovado por mais um ano e meio.

Sempre tentando conciliar e dar o meu melhor no emprego e nos estudos, fiquei na prefeitura por dois anos. Ao fim do meu contrato, já tinha um novo emprego em uma loja de roupas como vendedora. Após concluir o curso técnico e sem condições financeiras para pagar uma faculdade e me deslocar, pois não havia cursos superiores disponíveis na minha cidade, decidi fazer o curso científico, também conhecido como segundo grau. Foi então que ingressei na minha quarta escola, a Estadual Francisco Campos.

Nesse período, percebendo minha vontade de fazer um curso superior, conversei e fui incentivada por vários professores, que me orientaram sobre o financiamento estudantil (FIES) e me deram instruções de como proceder.

Devido à distância, cerca de 50 km, prestei vestibular na cidade de Luz para o curso de Administração, pois era uma área ampla e aplicável a diversas áreas profissionais. Assim, iniciei minha jornada no ensino superior.

No entanto, não tinha condições de pagar as mensalidades e o deslocamento até a aprovação do crédito estudantil. Fiz um acordo com meu patrão, dono da loja onde trabalhava. Ele deu baixa na minha carteira de trabalho para que eu pudesse ter acesso ao FGTS e ao seguro-desemprego, garantindo assim alguns meses de pagamento das mensalidades da faculdade. Embora não fosse aconselhável, era a única alternativa possível naquele momento.



Os processos do FIES estavam enfrentando vários atrasos por parte do governo federal, e o segundo semestre da faculdade foi bastante conturbado. Eu não tinha recursos para arcar com as mensalidades e quase não pude fazer as provas finais devido à inadimplência. No entanto, como a faculdade estava ciente dos atrasos, consegui negociar e, por meio de um cheque-caução emitido pelo meu pai, garanti minha permanência na instituição até a liberação do financiamento. O maior medo era que o pagamento retroativo não fosse realizado. Mas mais uma vez, Deus esteve presente e me sustentou em mais um desafio.

Nesse período, como o dono da loja estava desanimado com o negócio, distribuí meu currículo em várias instituições em busca de oportunidades, inclusive para um futuro estágio. Entre elas, enviei para a Passatempo Embriões, que tinha a intenção de transferir seu escritório administrativo para a cidade, mas ainda estava funcionando na fazenda. Fui chamada para uma seleção e contratada.

Apesar de não ter experiência prévia com computadores, nesse novo emprego, o trabalho era realizado quase que exclusivamente por meio deles. Para me adaptar e ter um melhor desempenho, comecei a fazer pequenos cursos de informática aos fins de semana. Assim, conciliava o emprego, o deslocamento e a faculdade. Acreditava que tudo que passamos na vida nos prepara para algo melhor, pois nada acontece por acaso. Com esse emprego, já conseguia contribuir com as despesas da casa dos meus pais e tinha expectativas de um futuro melhor, acreditando que coisas ainda melhores estavam por vir.

Ao final do segundo grau, em 2002, iniciei meu relacionamento com meu marido, Leandro Cassemiro Alves, e logo depois iniciamos juntos a faculdade. Apesar de morarmos na mesma cidade, ele estudava em Bom Despacho e eu, como mencionei anteriormente, em Luz. Foram tempos difíceis para ambos, com trabalho e faculdade durante a semana, nos encontrávamos apenas nos fins de semana.

Foram tempos de muito aprendizado, onde um apoiava o outro e a vontade de crescer juntos aumentava.

Com apenas alguns meses na Passatempo Embriões e agora na cidade, fui convidada para estagiar na Cooperativa de Crédito, Credindaiá, que hoje é a Credplus. No entanto, como era recente na empresa, apesar de ter o emprego garantido, não queria perder a oportunidade de obter experiência no setor financeiro. Foi um turbilhão de emoções, ter que escolher entre o emprego que já tinha e o estágio. Mas o medo deu lugar à coragem de enfrentar mais um desafio. Decidi não sair da empresa que havia me dado uma oportunidade. Assim, mantive meu emprego na Passatempo e o estágio na Cooperativa de Crédito por um ano. Mesmo quando o contrato de estágio chegou ao fim e fui efetivada na Cooperativa, continuei dando suporte na Passatempo nos fins de semana.

Foram tempos de muita correria e, mais uma vez, aprendi muito. Eu saía de casa às 6 da manhã e só retornava por volta da meia-noite. Nem sequer conseguia almoçar em casa, minha mãe e meu irmão revezavam em levar minha refeição. Com a contratação na Cooperativa, muitas coisas mudaram. Consegui adquirir um computador, ajudar ainda mais nas despesas de casa e, em breve, comprei uma moto para facilitar minha locomoção e concluir minha faculdade, além de, ao longo do tempo, quitar o FIES.



Após seis anos trabalhando em Dorés e já casada, com meu marido trabalhando em outra cidade e vindo para casa apenas nos fins de semana, tomei a decisão de me desligar da Cooperativa. No entanto, uma semana após solicitar meu desligamento, recebi um convite de outra Cooperativa de Crédito, a Credluz, localizada na cidade vizinha de Luz, para fazer parte de sua equipe. Naquela época, eu estava concluindo minha pós-graduação em MBA de Gestão de Negócios e aceitei o desafio.

Foram três anos de estrada, indo e voltando todos os dias, junto com um grupo de outros trabalhadores de Dorés que também trabalhavam em outras empresas em Luz. Aproveitei ao máximo essa nova oportunidade, estreitando relacionamentos, adquirindo conhecimento e dedicando-me ao máximo. Em pouco tempo, tornei-me supervisora administrativa e participei das tomadas de decisões da cooperativa em conjunto com a diretoria.

Paralelamente à minha jornada, meu sogro Valter Cassemiro de Oliveira, conhecido como Valtinho, também em busca de uma vida melhor para sua família, veio trabalhar em Pompéu em 2003, deixando esposa e filhos em Dorés. Ele retornava para casa apenas nos fins de semana. Foi muito bem recebido na cidade, fez muitos amigos e clientes, e conseguiu se estabelecer. Em 2007, sua esposa Valéria Darque Alves Oliveira e seus filhos Leonardo Cassemiro Alves e Lorena Darque Alves Oliveira também se mudaram para Pompéu.

Meu marido continuava morando fora, e no final de 2012, ele tomou a decisão de vir para Pompéu. Ele se formou em Ciências Contábeis e trabalhou por 10 anos em outra instituição financeira. Em 2013, ele abriu mão do cargo de gerente geral de agência para ajudar seus pais nos negócios aqui na cidade. Nossa história já completava 10 anos, sendo 3 de casados. Assim como eu, ele também começou de baixo. No início do nosso relacionamento, eu ainda trabalhava na loja, enquanto ele cursava dois cursos (científico pela manhã e técnico à noite) e ainda trabalhava à tarde. Quando começamos a faculdade, ele trabalhava em um posto de combustível. Construímos nossas vidas e sonhos juntos, cada um enfrentando seus desafios e trabalhando em cidades diferentes.

Tomamos juntos a decisão de que eu também viria para Pompéu, quando recebi o convite do Sicoob Credesp para fazer parte de sua equipe. Em novembro de 2013, me apresentei na agência de Pompéu. Fui muito bem recebida por todos os colaboradores e, aos poucos, fui conhecendo a cidade, os associados e conquistando a confiança de cada um deles. Atendi com atenção e respeito, buscando compreender as necessidades individuais e demonstrando como cuidar e trabalhar com finanças de forma responsável e equilibrada, tornando meu atendimento uma cooperação, conforme o princípio cooperativista.

É maravilhoso poder, chamar Pompéu de minha casa e fazer parte da vida dos pompeanos. Dedico-me com amor e dedicação ao que faço aqui.

Minha filha mais velha, Antonella, já tem 8 anos e nasceu em Pompéu. Ela estuda na Escola Estadual Jacinto Campos. A mais nova, Lavinia, tem 4 anos e nasceu em Dorés. Ela estuda no CEIM Helena Maria dos Santos (anexo). Ambas aprendem cada vez mais sobre a cidade que nos acolheu com tanto carinho e também conhecem nossas origens. Elas são apaixonadas por esse pedacinho do céu chamado Pompéu.



Sou imensamente grata a Deus pela vida que tenho e pelas oportunidades que Ele me proporcionou. Ele me deu forças para superar as dificuldades da vida e mostrou a todos que, quando queremos, podemos alcançar nossos objetivos e realizar nossos sonhos.

Agradeço à minha família por sempre acreditar em mim e por nunca deixarem que eu me desanime. Eles sempre contam com muito orgulho que fui a primeira de muitas gerações a ingressar em um curso superior.

Agradeço ao meu esposo, sua família e minhas filhas pelo apoio incondicional que sempre me ofereceram.

Por fim, agradeço a todos da cidade de Pompéu, que nos acolheu com tanto carinho. A cada dia que passa, aprendo muito mais sobre essa cidade e posso dizer que, aos poucos, estou descobrindo o que significa ser *Pompeano*.

Pompéu, 07 de junho de 2023.

